



FACULDADE RATIO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KARLA DANIELLE QUEIROZ DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

FORTALEZA - CEARÁ
2019

KARLA DANIELLE QUEIROZ DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido à aprovação para o Curso de Educação Física da Faculdade Ratio no Ceará, a ser utilizado como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador (a): Prof. Ms. Paulo Gabriel Lima da Rocha

FORTALEZA – CEARÁ

2019

KARLA DANIELLE QUEIROZ DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, outorgado pela Faculdade Ratio, tendo sido aprovada pela banca examinadora composta pelos professores.

Aprovado em: ____/____/____. Conceito ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Paulo Gabriel Lima da Rocha
(Orientador/Faculdade Ratio)

Prof. Especialista Helton Bernardino Lima
Faculdade Ratio

Prof. Ms. Antônio Adriano da Rocha Nogueira
Faculdade Ratio

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, pois sem Ele nada poderia fazer nesta nova jornada que ora vivencio.

Aos meus familiares e amigos, que muito me incentivaram, pela confiança e carinho, e por estarem sempre ao meu lado em todos os momentos.

Ao Professor Paulo Gabriel Lima da Rocha que me orientou na construção deste TCC, por toda a dedicação desempenhada, em especial pela atenção que teve por mim.

Por fim, agradeço a todos, especialmente ao professor Helton Lima, pela colaboração e ajuda que tive nesta fase da minha formação acadêmica.

“É de grande importância à educação pelo movimento no processo escolar, uma vez que seu objetivo central é contribuir para o desenvolvimento motor da criança, o qual auxiliará na evolução de sua personalidade e no seu sucesso escolar” (LE BOULCH, 1987).

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade tratar sobre a psicomotricidade, uma ciência capaz de dá subsídios biopsicossocial para contribuição no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, diante de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Conforme relataremos, a criança, através de seus movimentos e atividades, pode elevar o estado psicológico, liberando emoções e sentimentos, impulsionando sua evolução senso-motor e cognitiva, explicitado pelas informações e estudos dos autores referenciados nesta pesquisa. Baseando-se numa metodologia de abordagem qualitativa, caracterizada como revisão de literatura, por meio da qual se poderão aferir conhecimentos acerca dos assuntos abordados. O principal objetivo é a comprovação de que a psicomotricidade tem grande relevância no desenvolvimento da criança no Ensino Infantil, inclusive por valorizar sua formação integral conforme as finalidades das metas educacionais.

Palavras-chave: Psicomotricidade - Educação Infantil - Desenvolvimento - Formação Integral.

ABSTRACT

The present work aims to deal with psychomotricity as a science capable of giving biopsychosocial subsidies to contribute in the teaching-learning process in Child Education before a bibliographic review on the subject. As we report, the child, through his movements and activities, can elevate the psychological state, releasing emotions and feelings, propelling your evolution motor and cognitive sense, explained by the information and studies of authors referenced in this research. Based on a methodology of qualitative approach, characterized as literature review, by means of which it can assess knowledge about the subjects discussed. The main objective is the proof that the psychomotricity has great importance in the development of the child in the children's Education, including valuing your integral formation as the purposes of educational goals.

Keywords: Psychomotricity. Child education. Development. Integral Training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA	11
3. A PSICOMOTRICIDADE: HISTÓRICO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS ..	11
3.1 Breve Histórico	12
3.2 Conceito da Ciência	17
3.3 Elementos e características	22
4. PSICOMOTRICIDADE E A CRIANÇA: RELAÇÕES FUNDAMENTAIS	24
4.1 A criança e suas particularidades	25
4.2 O desenvolvimento infantil	28
4.3 Psicomotricidade e Educação em relação aos aspectos infantis	31
5. APLICAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE NO ENSINO INFANTIL: A PRÁTICA...	38
5.1 A Educação Infantil	39
5.2 O profissional da educação física e a utilização da psicomotricidade	42
6. CONCLUSÃO	47
7. REFERENCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

A educação formal brasileira passa por grandes mudanças, consideradas as evoluções do Ensino Básico, este compreendido como a formação em níveis de ensinos por idade, quais sejam, o Ensino Infantil, Fundamental e Médio, principalmente no que diz respeito à metodologia do ensino, porquanto se cria uma nova mentalidade que não se pode regredir, uma vez que em cada um daqueles níveis é necessário um modelo distinto de aplicação em relação aos seus educandos, entendendo isso como um verdadeiro processo de ensino-aprendizagem.

Assim, essas novas visões são obrigatoriamente originadas pelo advento da tecnologia através do processo de Globalização, que acarretou um grande número de estudantes ociosos e com problemas de obesidade, assim como, mais presente, o desinteresse pelo conhecimento, tendo-se como deficiência no processo de educação desde a pré-escola, porque a sociedade requer um modelo de educação retrógrada, ou seja, metodista, decorativo e que não valoriza a capacidade de adquirir conhecimento reflexivo.

Por isso, os profissionais de educação necessitam pensar em diversos modelos que possam modificar essa transformação advinda com a evolução tecnológica que muda o foco dos educandos para as telas de aparelhos atrativos, enquanto que a educação em sala de aula se fecha para um espaço de leitura decorativa, sem qualquer metodologia que enfrente essa realidade, deixando diversas frustrações e desestímulos nos estudantes, promovendo seu distanciamento da educação.

Nesse sentido, não se deve afastar o caráter essencial da educação que é a busca do pleno desenvolvimento da pessoa humana, e, por isso, atente-se para modelos de educação que, conquanto considerados antigos, são essenciais para a transformação da educação brasileira, uma vez que, para combater essas mazelas em curso na atualidade, deve-se pensar a educação em amplas maneiras, principalmente quando se tem por objetivo o sucesso do processo educacional de crianças.

Levando isso em consideração, a Educação Física necessita aplicar a teoria na prática, de maneira a auxiliar nessa superação dos problemas da educação e, também, da sociedade, através de uma séria análise conceitual e de atrativa

prática para com os estudantes envolvidos neste processo, principalmente as crianças, porque são as mais importantes de todo o processo de educação como será explicado, não somente em aspectos físicos, mas, sobretudo, em intelectuais.

Pensando nisso, este trabalho vem a desenvolver, não de forma esgotada, enquanto contribuição da área da Educação Física, a análise da psicomotricidade como ferramenta profícua no desenvolvimento infantil, ou seja, na fase do Ensino Infantil, tendo em vista os aspectos técnicos que buscam o conhecimento nas várias ciências, apresentando como objetivo o corpo em movimento, a fim de desenvolver os aspectos comunicativos deste, dando ao indivíduo as possibilidades de domínio corpóreo, de economizar sua energia, de pensar seus gestos, de aumentar a eficácia e a estética, de aperfeiçoar o seu equilíbrio e desenvolver as possibilidades motoras e criativas na sua globalidade.

Assim, levando a centralizar sua atividade e a procura do movimento e do ato, incluindo tudo o que deveria ser dela própria, ou seja, disfunções, patologias, educação, aprendizagem e outros, com a finalidade de oxigenar as bases do ensino básico, aqui considerado como a educação infantil, pois é na infância que se define toda a base para o processo de aprendizagem futura, tornando a psicomotricidade como técnica essencial para a evolução do processo de educação.

Para tanto, este trabalho percorreu por diversos pensamentos adotados em vários artigos, revistas, dissertações, livros, entre outros, cujos significados para Educação Física mostraram avanços nas formas de lidar com a psicomotricidade, especialmente no nível da educação infantil, que possui a prevalência de peculiaridades pela faixa etária que compreende os seus estudantes.

Ademais, ainda se fundamentou nas observações da autora deste trabalho sobre as diversas influências que a psicomotricidade pode gerar no processo de ensino-aprendizagem, que ao analisar o acervo bibliográfico e técnico respectivo, bem como da análise temática dos conceitos e características consequentes para a Educação Básica, resultou das observações aqui expostas como base teórica.

Desse modo, o presente trabalho se justifica pelo fato de alterar a compreensão, tanto dos profissionais da educação, quanto à utilização deste modelo psicomotor no Ensino Infantil, como para considerar sua eficácia neste processo de ensino-aprendizagem, entendendo-se não só como simples movimentos corporais,

mas que engloba todo o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, tendo em vista a necessidade das escolas, de modo geral, aplicarem a psicomotricidade na qualidade motora e psicológica dos educandos, a fim de dar propriedade ao seu desenvolvimento humano, através de profissionais receptivos a este processo e conhecedores, de maneira não distante, desta temática.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho se deu através de abordagem qualitativa e bibliográfica, pois segundo Manzo (1971 apud LAKATOS, 1991), a “pesquisa bibliográfica oferece meios para definir e resolver, não somente problemas já conhecidos, permitindo a exploração de diferentes áreas e possibilitando ao cientista uma análise paralela das informações obtidas, com outro enfoque e abordagem”.

O tipo de estudo é característico de uma revisão de literatura, porquanto tais análises partirão das perspectivas relativas a algumas obras a respeito da psicomotricidade, valendo-se, ainda de um acervo retirado de artigos e livros, partindo de alguns eventos acadêmicos ou publicações nesse sentido, inclusive através de empréstimos de livros em bibliotecas públicas e no espaço acadêmico autoral (PRESTES, 2013).

Por conseguinte, o critério de escolhas relativas à pesquisa se baseou nas limitações da temática, procurando-se títulos e temas equidistantes à realidade pesquisada, incluindo autores renomados da Pedagogia e da Educação Física, logo, realizando uma aferição de dados e análise do conteúdo por um conjunto de obras e artigos voltados para a ciência estudada e fornecendo a autora uma discussão teórica ampla sobre o tema estudado, percorrendo os aspectos históricos, conceitos epistemológicos, aplicação à criança no Ensino Infantil e perante os profissionais da Educação Física.

3. A PSICOMOTRICIDADE: HISTÓRICO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS.

Para compreender a importância da psicomotricidade é necessário percorrer a sua construção histórica até se chegar a um conceito, que por sua vez possa ramificar as suas características, cujas definições esclarecerão a necessidade de implantação em um modelo educacional, especialmente no objeto deste estudo.

Por essa razão, deve-se entender o surgimento deste conceito no plano da psicologia do desenvolvimento, pois há relevância temática no presente trabalho, visto que insere duas origens etimológicas numa só palavra, quer seja da psicologia, quer da motricidade, unindo essa área da psicologia à educação física, inclusive por este ser de caráter multidisciplinar.

3.1 Breve Histórico

Levando em conta a motricidade, pode-se entender o seu surgimento desde a Grécia Antiga, com Aristóteles (384-322 a. C.) que discorria sobre o elo entre corpo e a alma, ao discernir que o homem seria formado de matéria sob a forma de espectro (CARVALHO, 2015), sociedade aquela onde se tinha uma valorização maior dos movimentos corporais, acreditando-se que a relação entre corpo e mente, possuindo estes a consonância de funcionalidade e de desenvolvimento, como explica Fernandes e Barros (2015, p. 2):

“A educação pelo movimento ao longo do tempo contribuiu para que cientistas e precursores analisassem a evolução da motricidade humana como um todo. Os gregos analisavam o corpo negligente em função da mente, acreditava-se que a mente não tinha relação com o corpo e seus sentidos. Dessa forma, marcos históricos estimularam profissionais ousados a novos desafios no século XIX” (FERNANDES E BARROS, p. 2).

Ainda na Grécia, essa valorização do corpo e dos movimentos deste tinha relação ao fato da beleza interna do ser humano, porque os gregos valorizavam uma alma cultivada de esplendor, e para eles não existia essa separação entre aquela matéria e a forma, como se explica Fontana (2012):

“(…) na Grécia antiga se encontra referência sobre o assunto, pois o corpo humano foi algo sempre valorizado, onde que na cultura grega, valorizava-se o culto ao esplendor físico, pois diziam que o corpo expressava a beleza da alma, e que a saúde do corpo era uma virtude. Nesta época enfocava-se o dualismo corpo-alma, estudavam-se o movimento juntamente com as emoções, que não mais podiam ser negadas, sendo que a força do homem estava no controle de suas emoções” (FONTANA, 2012, p. 11).

Ainda de acordo com Platão, filósofo desse período grego, existiria um dualismo radical dentro do ser humano, em que o homem é alma e corpo, apresentando assim a dicotomia da psicomotricidade, sendo que a alma que domina é o princípio e a finalidade, tornando-se a parte principal. Fonseca (1993) coloca que Descartes afirma em sua obra que existe esta dualidade do corpo e alma, onde o

corpo é individualizado, mas que este é influenciado pelas paixões (FONSECA, 1993; FERREIRA 2000).

Assim, essa maneira de educar na perspectiva grega, teve relevante influência na evolução do estudo sobre a motricidade, que se unindo aos aspectos da psicologia do desenvolvimento, consubstanciou-se na psicomotricidade, com surgimento em Paris, na França, entre os anos 1900 e 1940 (FERNANDES; BARROS, 2015).

Por outro lado, Silva e Souza (2018) atribuem à origem da psicomotricidade em 1870, ou seja, muito antes mesmo da evolução do estudo sobre motricidade, tendo como objetivo denotar as disfunções acometidas pelas lesões indefinidas na localização cerebral, ou mesmo quando não houvesse lesões e ocorressem as disfunções nos sujeitos, porquanto não se obtinha mais respostas completas apenas da neurofisiologia (SILVA; SOUZA, 2018)

Inicialmente, a importância que se carregava no estudo da psicomotricidade era de que existiria um dualismo cartesiano entre os séculos XIX e XX, ou seja, a separação do corpo e da mente, o qual deveria ser superado, tendo aquele dualismo como base a distinção “alma, do corpo, cuja característica é a extensão” (SOUSA e SILVA apud BOULCH, 1987, p. 13), o que acarretou uma visão deturpada da educação psicomotora.

Quando se iniciou os estudos atribuídos a Dupré, através de seu desenvolvimento teórico sobre a “Síndrome da Debilidade Motora”, observou-se a relação próxima entre os problemas psicológicos e os motrizes, tendo em vista as diversas características temporais do corpo, passando a ter mais pesquisas relacionadas ao tema, sendo que aquele autor consignou a motricidade às funções psicológicas, tanto afetivas e sentimentais, como inteligíveis (FERNANDES; BARROS, 2015).

Além disso, Dupré contestou o dualismo cartesiano, porquanto contradisse “a separação corpo – mente, estabelece seus conceitos da Psicomotricidade: mente - movimento, dessa forma contribui para outros desafios importantes no nível do desenvolvimento funcional cognitivo, motor e afetivo” (FERNANDES; BARROS, 2015).

Prosseguindo, com os estudos propostos pelo mencionado autor, vários outros os seguiram em suas teorias, tais como Head, Shlider, Piaget e Wallon, que,

nas suas respectivas áreas do conhecimento, promoveram estudos e avaliações acerca da psicomotricidade como objeto fundamental no benefício de suas referidas áreas afins (FERNANDES; BARROS, 2015 apud LOUREIRO, 2009).

Da mesma maneira expõe Fontana (2012, p. 13):

“Observa-se que somente a partir das pesquisas de Dupré, é que surgiram os primeiros trabalhos sobre movimento corporal, sendo estes baseados em estudos clínicos, definindo-se assim, de forma rigorosa a debilidade e a instabilidade motora, isolando perturbações como tiques, as sencinesias e as paratonias” (FONTANA, 2012, p.13).

Com Wallon, em 1925, a psicomotricidade se elevou quanto aos seus conteúdos, pois o autor, como médico psicólogo, analisou os estágios e transtornos do desenvolvimento motor e mental infantil, revelando a distinção que “nos permite relacionar o movimento ao afeto, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos do indivíduo” (OLIVEIRA; BAGAGI, 2009 apud Wallon, 1978), com isso, atribuiu-se ao movimento o predominate instrumento do psique humano, sendo sua única forma de expressão.

No mesmo escopo analisa Fernandes e Barros (2015, p. 3):

“Wallon, ao longo de sua carreira analisou o estudo da criança como um recurso para conhecer o psiquismo humano, debruçou com atenção e engajamento no processo de desenvolvimento infantil. Dessa maneira, impulsionou médicos, neuropsiquiatras, pedagogos, psicólogos e outros profissionais, às primeiras tentativas de estudos da reeducação psicomotora, na concepção de agregar como processo básico de intervenção tônica, mental, motora e afetiva como meio de relação da ação com o outro” (FERNANDES; BARROS, 2015, p. 3).

Após décadas, autores afirmam que a chegada das experiências psicomotoras no Brasil ocorreu em 1970, através de Simone Raiman, que estudou experimentos psicocinéticos de acordo com a vertente francesa, e em 1979, a pesquisa de Costallat e Soubiran, intitulada “a psicomotricidade como processo de reabilitação em pessoa com deficiência mental”, foi convidada pelo Ministério da Educação para divulgação (FERNANDES; BARROS, 2015 apud COSTALLAT, in LOUREIRO, 2009).

Foi nesta década que se iniciou o entendimento teórico por uma corrente de autores que a educação psicomotora teria grande importância na formação da criança com dificuldade de adaptação e participação do meio escolar, contribuindo com o desenvolvimento de suas capacidades interdisciplinares (OLIVEIRA;

BAGAGI, 2009).

Ainda nos anos 70, segundo Clark e Whitall (apud MORREIRA, s/d) surge o período orientado para o processo da psicomotricidade, levando ao estudo do desenvolvimento da habilidade manual e aptidões em função da idade, passando, também, a estudar as ligações com a lateralidade, com a estruturação espacial e a orientação temporal e as relações das dificuldades de aprendizagem escolar de crianças de inteligência “normal”.

Já no Brasil, a psicomotricidade passou a ser muito comentada através de cursos nas cadeiras de psicomotricidade em universidades espalhadas em Estados brasileiros. O começo ocorreu um recurso pedagógico, a fim de distúrbios e lacunas do desenvolvimento, o público alvo e crianças excepcionais, sendo ela introduzida das escolas especiais.

Ademais, naquele período no território brasileiro, a psicomotricidade chega como uma linha de pensamento, a princípio como uma maneira de recuperar e reabilitar o respeito à autoestima do corpo que sofreram com as mutilações ocorridas em guerra. Após este momento, a psicomotricidade ampliou seus estudos nas áreas ligadas à aprendizagem (GALLARDO, 2009).

Por outro lado, Moreira e Gonçalves (2015) afirmam que muito antes do acima dito, a psicomotricidade já havia sido registrada no Brasil em 1950, por meio da associação entre o corpo e o movimento, tendo por base pesquisas feitas por Günspun, que “já evidenciava a possibilidade de tratamento de distúrbios de aprendizagem utilizando-se de atividades psicomotoras” (MOREIRA; GONÇALVES, 2015, p. 3), entretanto, esclarecem que somente em 1980 que foi criada a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, com a finalidade de prestar subsídios aos profissionais que seguiam esta linha de pesquisa.

Sobre a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade – SBP, Lussac (2008) consubstancia:

“A SBP - Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, entidade de caráter científico-cultural sem fins lucrativos, foi fundada em 19 de abril de 1980 com o intuito de lutar pela regulamentação da profissão, unir os profissionais da psicomotricidade e contribuir para o progresso da ciência, promovendo congressos, encontros científicos, cursos, entre outros. Começa então, a ser delimitada uma diferença entre postura reeducativa e uma terapêutica, já demonstrando diferenças em intervenções da Psicomotricidade, e que, ao despreocupar-se da técnica instrumentalista e ao ocupar-se do corpo em sua globalidade, vai dando progressivamente, maior

importância à relação, à afetividade e ao emocional, acompanhando as tendências do momento por que passava” (LUSSAC, 2008, p. 4).

Nos anos 80, uma nova teoria da Educação Física se organizava no Brasil. Estas utilizavam os conhecimentos obtidos na antropologia, psicologia, filosofia, sociologia e na história, sendo fundamentada no estudo das influências que o meio físico e social tem sobre o desenvolvimento humano, possibilitando desse modo uma visão crítica da realidade, a fim de permitir o entendimento da função das vivências em sociedade, relacionando-as ao conjunto completo do indivíduo (GALLARDO, 2009).

Ressalta-se, também, a importância de Jean Le Boulch nesta construção histórica, professor de Educação Física e também médico, oxigenou a contextualização da psicomotricidade, estudando sobre a psicocinética, o aludido autor desempenhou relevante papel, como afirma Silva (2015, p. 29):

“As metodologias ginásticas e o uso do esporte para fins ideológicos que se caracterizavam pelo entendimento biológico e eficácia do corpo, apto ao trabalho, ao adestramento e sob uma ótica política, foram alguns dos fatores que posteriormente impulsionaram os questionamentos nos trabalhos de Jean Le Boulch, conseqüentemente dando origem à Psicocinética” (SILVA, 2015, p. 29).

Além disso, o referido autor deu robusta relevância ao iniciar os estudos psicocinéticos, mas foi através da psicomotricidade que deu substratos à defesa de sua importância e dos seus apontamentos:

“Compreendemos como incontestável a influência dos estudos de Le Boulch no Brasil, assim como a influência da Psicomotricidade na Psicocinética, afinal Le Boulch também tinha formação naquela área e intencionou trazer os conhecimentos para a sua teoria e conseqüentemente para as ações educativas pensadas a partir dela. O movimento como meio na aprendizagem e desenvolvimento da pessoa, as relações entre fatores psíquicos e motores, considera a afetividade, sexualidade e sua importância para a formação ampla do ser humano” (SILVA, 2015, p. 42).

Não obstante, foi por intermédio das autoras Loureiro e Costallat que surgiu a fundação GAE – Grupo de Atividades Especializadas no Estado de São Paulo, cuja finalidade era atender crianças com problemas e dificuldades psicomotores, e com isso abriu as fronteiras para o estudo da importância da psicomotricidade na educação brasileira, como afirmam Fernandes e Barros sobre este assunto (2015, p.4) que “no Brasil, a Dra. Beatriz Loureiro postulou as

formações e atuações de ontem, hoje e certamente de amanhã”.

3.2 Conceito da Ciência

A evolução da psicomotricidade na educação, conforme citado anteriormente, tem origens remotas, pautada em superações de preconceitos e associações superficiais, por exemplo, em relação ao dualismo cartesiano, como se fosse distinto o corpo da alma, tornando o indivíduo em um ser não individualizado, desprezando, assim, sua globalidade.

Para Maiane de Biram (1766-1824), o movimento é um componente essencial na estruturação psicológica do ego, a ação torna-se importantíssima na consciência que o sujeito tem de si e do mundo exterior, definindo a concepção que o homem detém de seu corpo. Desse modo, a história da psicomotricidade está relacionada à história do seu próprio corpo, nascendo-os juntos, sendo na sua trajetória marcada por cortes revolucionários e reformulações decisivas, que vieram culminar nas concepções que existe atualmente, permitindo, assim, a sua compreensão total (COSTE, 1992; MELLO, 1987).

Assim, é através do corpo que o ser humano interage com o ambiente e conhece o mundo em que vive, bem como é por meio do seu corpo que irá ter a capacidade de adquirir conhecimento e ter opinião para poder classificar o que aprendeu desta experiência, baseando-se na sua liberdade de movimentar-se e atribuir ao espaço-tempo um sentido preexistente à sua consciência a fim de lidar com as questões da vida posteriormente.

Etimologicamente, psicomotricidade estaria vinculado à palavra grega *psyquê* e a latina *moto*, significando “aquela alma ou mente que está ao movimento” e, simplesmente, significaria o conjunto de movimentos realizados pelo corpo com reflexos na mente humana (FONSECA, 1988).

Para melhor compreensão, analisa-se o conceito de motricidade dada por Beresford (2004) citado por Lussac (2008), sendo aquela uma ciência ou área do conhecimento que analisa e entende as diversas possibilidades voluntárias da interpretação do ser humano, quando de suas ações, atitudes e comportamentos motores no que se refere a fenomenologia existencial transobjetiva e da filosofia dos valores. Portanto, a partir da cultura existencial, que por sua vez, compreende um conjunto de sentimentos, onde “tais possibilidades de interpretação são

operacionalizadas de forma multidisciplinar, interdisciplinar, transdisciplinar e através dos mecanismos cognoscitivos da pré-compreensão fenomenológica, da explicação fenomênica e da ordenação axiológica”. (LUSSAC, 2008 apud BERESFORD, 2004).

Conforme Pessanha *et al.* (2015) a psicomotricidade é uma ciência voltada para a compreensão e o estudo do homem, referente ao movimento em elo com seu mundo interior e exterior, tendo como elementos os conhecimentos associados aos três fundamentos, quais sejam, o movimento, o intelecto e o afeto, que, ao serem analisados em conjunto, formam as características principais desta ciência.

Os autos Dos Santos e Costa (2015) entendem que o conjunto de sentimentos, emoções e ações são elementos integrantes do ser humano e essas são provocadas pelos movimentos e pelos contatos corporais, e, assim, o objetivo da psicomotricidade seria aprimorar essas habilidades motoras e criativas do ser humano em sua totalidade, através do seu corpo procurar a centralização de suas atividades.

No que diz relação ao psico humano, Fernandes e Barros (2015 apud LOUREIRO, 2009) associam a um vasto grupo de elementos psicológicos de um sujeito, condicionados aos fenômenos psíquicos diante dos processos mentais, que advém do psiquismo entendido como uma forma de energia inteligível, proveniente do cérebro, aqui significando a alma ou espírito, de maneira aleatória ou objetiva da força geratriz.

Nesse contexto, tanto a motricidade como o psico dá origem crucial à Psicomotricidade, pois estimulam às áreas psicomotoras: cognição, memória, motivação, controle das emoções e atenção. E isso, num processo de aprendizagem e adaptação humana, é relevante porque cria o vínculo indispensável de pensamento, ato e gesto (FERNANDES; BARROS, 2015).

Os autores citados assim expõem:

“A Psicomotricidade age de forma atuante e com uma visão de ciência e técnica, tendo como foco a Educação Física, a partir de uma visão mais ampla em que o homem deixa de ser percebido como um ser essencialmente biológico, para ser concebido por visão abrangente, na qual se considera os processos sociais históricos e culturais” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 4).

Por esse motivo, a Educação Física tende a estudar a psicomotricidade como uma propiciadora de desenvolturas humanas, ao tratá-la não apenas como

movimentos sem nexos, mas direcionados aos fins da própria educação, ou seja, pela formação integral do indivíduo, logo, considerando os diversos fatores da origem da personalidade humana, passando a levar esta ciência a todo o processo de aprendizagem inerente ao homem.

Aferindo-se ainda à motricidade, não se deve entender apenas como movimentos vagos sem sentido algum, mas como um processo de adaptação, de evolução e de criação, levando em conta a intencionalidade operante, isto é, estando o corpo físico, biológico e antropossiológico como uma dialética de sua globalidade, consubstanciado pelas diversas funções motoras.

Como explica Fernandes e Barros:

“(...) a espécie humana é verificada como uma perspectiva dialética da evolução do homem na sua atividade corporal, conjunto de reações que constitui um processo de sensação privilegiada em relação com o mundo exterior, interferindo em pontos positivos e negativos do indivíduo na construção da sua consciência” (FERNANDES; BARROS, 2015, p. 5).

Acerca da interdisciplinaridade, Tassi e Batista (2014, p.3), explicam a respeito que a “psicomotricidade tem como objetivo o estudo do desenvolvimento humano, levando em consideração os aspectos cognitivos, emocionais e motores, portanto reúne as áreas pedagógicas e da saúde” e, assim, envolve “toda a ação realizada pelo indivíduo, ou seja, é a integração entre o psiquismo e a motricidade”, logo, está relacionada aos aspectos biopsicossociais do indivíduo atuante.

O autor Coste (1978), ainda em relação à interdisciplinaridade, conceitua a psicomotricidade como a ciência da encruzilhada, sobretudo, como uma técnica em que se cruza e se encontra em múltiplos pontos de vista, que se utiliza de aquisições de outras ciências, entre elas: a biologia, a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a linguística. Isso relevaria o seu conceito, porquanto não se trata de um conteúdo vazio, mas que possui reflexos e incidências nesses diversos ramos (COSTE;1978, p.9).

Noutros termos, a psicomotricidade reflete o movimento nas diversidades psicológicas humanas, haja vista poder expressar, através delas, os diversos sentidos que as acometem, sob a figura do próprio corpo humano, tais como “suas experiências vividas, suas frustrações, ajudando-o a trazer para a linguagem aquilo que era árduo de expressar” (SILVA; SOUZA, 2018).

Na perspectiva teórica de Morgado (2007), a descoberta pelo ser humano

sobre seu próprio corpo em relação à visão global interna e externa, são os fundamentos principais da psicomotricidade, assim como sua capacidade de movimento através das ações, fornecendo meios profícuos à integralidade de sua corporeidade, sob o viés da consciência sobre aqueles movimentos da intenção ao estado de manifestação, sendo assim, “o trabalho psicomotor visa uma interação, tanto com o ambiente social quanto com as questões afetivas e cognitivas do indivíduo, ou seja, a Psicomotricidade está vinculada aos aspectos comunicativos do corpo” (MORGADO, 2007, p. 14).

Pode-se ressaltar que é por meio dessa relação entre o *psyquê* e o *motor* que se poderá ter uma visão ampla do ego, do outrem e dos objetos envolvidos nos processos de ação.

Por outro lado, conforme a Associação Brasileira da Psicomotricidade (1999), esta poderá ser definida como sendo, também, uma ciência que tem por finalidade de estudo o homem, através dos seus movimentos corporais, em relação ao seu universo interior e exterior, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com objetos e consigo mesmo. Portanto, estaria relacionado ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas.

Fontana (2012, p. 1) expressa um conceito mais objetivo:

“A psicomotricidade como uma técnica que busca conhecimento nas várias ciências apresenta como seu objeto de estudo o corpo em movimento, a fim de, desenvolver os aspectos comunicativos do corpo, dando ao indivíduo a possibilidade de domínio corpóreo, de economizar sua energia, de pensar seus gestos, de aumentar-lhe a eficácia e a estética, de aperfeiçoar o seu equilíbrio e desenvolver as possibilidades motoras e criativas na sua globalidade” (FONTANA, 2012, p. 1).

Ainda nesse escopo, então, considera-se que a psicomotricidade é, além de uma ciência, uma técnica, cujo objeto de estudo é o homem em sua globalidade, pautando-se em seus movimentos como forma de expressão de seus estados psicológicos, dando-lhe meios de exprimir o inexprimível e conhecer o que está dentro de seu universo interior, capaz de libertar o homem de seus maus sentimentos e de abrir espaço para a reflexão de ideias, acarretando-lhe um estado crítico capaz de trazer benefícios para o seu desenvolvimento integral.

Nesse sentido, como bem expõe Filho de Sá (2001, p.36), ao definir psicomotricidade como a “relação entre o pensamento e a ação envolvendo a

emoção”, onde não haverá um raciocínio ou uma reflexão sem a existência de um corpo em movimento, de um modo de agir, e nem ações que não façam parte ou tenham consequência do domínio mental. A capacidade de aprender, como se verá adiante, se elabora e organiza a partir do exercício físico que tem indispensável importância no desenvolvimento do corpo, da mente e da motricidade.

Por isso, ao conceituar psicomotricidade, Ajuriaguerra (2007) a conceitua como a “ciência da saúde e da educação, pois indiferentes das diversas escolas, psicológicas, condutistas, evolutista, genética, etc., ela visa à representação e a expressão motora, através da utilização psíquica e mental do indivíduo” (LUSSAC, 2008 apud AJURIAGUERRA, 2007), em outras palavras, esta ciência é interdisciplinar, pois fornece aos sujeitos envolvidos considerações e conclusões relativas às suas áreas, fornecendo os meios adequados para desempenhá-la com finalidade no bem-estar dos indivíduos.

Fernandes e Barros (2015, p. 4) definem a psicomotricidade como uma ciência esclarecedora do organismo com predisposição primordial do pensamento humano, porquanto, para eles, toda função psíquica necessita de um equipamento orgânico, porém, não são relações suficientes, tendo em vista que os objetos das ações psicológicas provem do mundo exterior, isto é, o ambiente do qual o indivíduo participa, tornando-se, esses fatores orgânico-sociais num vínculo de reciprocidade que aborda, ao longo de seu tempo, contradições.

Não obstante, uma corrente majoritária defende a ideia de que a psicomotricidade não é uma união somente entre a psicologia e a motricidade, porque nestas ciências elas não se distinguem, mas formam uma interdependente relação que aduz um novo método aplicável aos objetivos educativos tomando por base os movimentos humanos (LUSSAC, 2008).

Conforme a compreensão da temática,

“(...) quando se aborda a motricidade humana, a psique humana não é deixada de fora, certos embates semânticos não merecem tantas linhas de discussão. É necessário observar os objetos de estudos sob a perspectiva de cada área do conhecimento para uma compreensão isenta de poluição epistemológica ou preconceito científico” (LUSSAC, 2008, p. 7).

Segundo o exposto, observa-se que a psicomotricidade originada da relação indissociável entre psico e motricidade é mais complexa do que se imagina, o que, ao estudar as diversas origens e definições, afasta os profissionais do

preconceito formado pela vertente retrógrada de que a psicomotricidade é relacionada apenas aos aspectos físicos, o que acarreta um risco à evolução desta ciência, inclusive remontando o dualismo cartesiano para dentro de espaços educacionais.

3.3 Elementos e características

Compreendido os conceitos expostos de psicomotricidade, passe-se a analisar seus elementos e características a fim de dá mais subsídio teórico para se entender a crucialidade desta ciência numa aplicação a modelos de Educação Física dentro dos espaços escolares e sobre as atividades desenvolvidas por profissionais.

A psicomotricidade vem discorrer sobre um método natural de combater os distúrbios de aprendizagem, entendido como “um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens, expressadas por dificuldades na aquisição e no uso da audição, fala, escrita e raciocínio matemático” (PESSANHA *et al.*, 2015 apud TULESKI e EIDT, 2007), porque esta ciência se associa aos elementos cognitivos do movimento e as respectivas atividades corporais no elo do meio com o organismo humano.

Por consequência, a relação fundamental que estabelece a psicomotricidade entre os movimentos e as subjetividades humanas, comporta uma maior unicidade entre corpo e alma, pois “o desenvolvimento psicomotor tem como meta o controle do próprio corpo, capaz de extrair todas as possibilidades de ação e expressão que sejam possíveis” (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 7).

Conforme explica o autor que “a representação mental do movimento, imprescindível ao ajustamento com representação mental, presume-se a visualização das atitudes sucessivas, segundo seu desenvolvimento rítmico. A percepção e a memorização das estruturas rítmicas são um apoio funcional indispensável” (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 7 apud LE BOULCH, 1987).

Dos Santos e Costa (2015, p. 5) afirmam que:

“A Psicomotricidade contribui de maneira expressiva para formação do esquema corporal, o que facilitará a orientação espacial. Ela deve ser entendida e compreendida em sua integridade, pois o nosso corpo está presente em todas as situações, e é através do movimento, que o ser humano participa do mundo manifestando suas intenções” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 5).

Por nosso corpo está em ininterrupto desenvolvimento, desde o

nascimento até a morte, a psicomotricidade vem a contribuir com a compreensão dessas mudanças, e, através desta ciência, longos estudos foram construídos para melhor atender essa necessidade humana, e dentre estes, pode-se elencar “o desenvolvimento motor, esquema corporal, tonicidade, imagem corporal, linguagem e noção de espaço-temporal” (SILVA; SOUZA, 2018).

Resumidamente, define-se cada um dos conceitos apresentados, sendo o esquema corporal a noção que se tem do próprio corpo, originadas das informações sensoriais englobadas no nível do córtex cerebral, oriundas por ações e atividades tônicas, estáticas ou cinéticas; a imagem corporal revela-se no conjunto de representações mentais, ou melhor, as experiências conscientes e inconscientes armazenadas pelo córtex sensorial (SILVA; SOUZA, 2018 apud MARQUES, 2010).

Prosseguindo, tem-se a tonicidade ou tônus, uma função que reflete na postura, equilíbrio e formas de locomoção do indivíduo. A linguagem, verbal, gestual ou corporal é um elemento fundamental da psicomotricidade, sem ela é impossível aplicá-la, necessita existir, seja qual for a sua forma, caracteriza-se pelas diversas expressões humanas, sejam emocionais ou reflexivas. Já a orientação espacial seria a consciência que o ser tem do seu próprio corpo e de suas relações com meio e objetos (SILVA; SOUZA, 2018).

Todos esses elementos são preponderantes para o desenvolvimento psicomotor, assim como a orientação temporal, que se configura pela noção de tempo e dos momentos que o sujeito tem sobre os aspectos das ações e atitudes executadas, nas diferenciações de posturas, tendo todos os atributos da psicomotricidade, possuindo relação recíproca, segundo Silva e Souza (2018, p. 4) quando dizem que “a partir da descrição dos conceitos apontados acima, é possível perceber que estes se relacionam entre si, complementam-se como, por exemplo, ao falar de linguagem, seja ela corporal ou gestual, remete-se ao esquema corporal e ao tônus”.

Além desses elementos, Dos Santos e Costa (2015) tratam ainda da lateralidade, mas antes desenvolvem considerações sobre o esquema corporal e estruturação espacial, sendo o esquema corporal entendido como imprescindível para o desenvolvimento humano, da mesma forma compreendida pelos autores anteriormente mencionados como a consciência do próprio corpo, e a estrutura espacial como uma orientação do mundo externo, tendo como referência o ego do

indivíduo em relação a outros objetos ou pessoas estáticas ou em movimento.

Nesse sentido, as considerações dos autores sobre a estruturação espacial são baseadas em referenciais, quer seja o ambiente ou objetos, bem como as pessoas, para que se possa ter consciência não mais do corpo como no esquema corporal, mas sim na situação a qual ele está inserido, dando-lhe possibilidades de organizações diante do mundo que o circula, estabelecendo relações e formando a totalidade, sendo uma construção mental não nata ao sujeito (DOS SANTOS E COSTA, 2015).

Por fim, os autores citados expõem a lateralidade:

“Se define naturalmente durante o crescimento onde acontece uma dominância lateral na criança onde será mais forte, mais ágil do lado direito ou do lado esquerdo. A lateralidade corresponde a dados neurológicos e também é influenciada por certos hábitos sociais. É importante ressaltar que não se confunda lateralidade com dominância de um lado em relação ao outro, em nível de força e precisão” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 6).

Diante do exposto, podem-se estabelecer as características e elementos principais para o entendimento da psicomotricidade como importante ciência que executada pela Educação Física pode contribuir no processo de aprendizagem, como se passará a analisar.

4. PSICOMOTRICIDADE E A CRIANÇA: RELAÇÕES FUNDAMENTAIS

Ultrapassada esta primeira parte para se compreender a origem, os conceitos, características e elementos radicais na elucidação da psicomotricidade como ciência, a qual relaciona o psicológico e motricidade como indissociáveis e reciprocamente funcionais, tendo esta relevante influência naquele, de forma a integrar a globalidade do indivíduo e estabelecer relação com o meio e os objetos, passa-se a entender a sua relação com a infância para, por fim, poder estimar sua possibilidade de utilização.

Neste capítulo, ao conceituar a criança e suas características peculiares, discorrerá sobre seu desenvolvimento com fim nas relações essenciais entre a psicomotricidade e a criança, estabelecendo as devidas conclusões temáticas para se aferir, posteriormente, a utilização desta ciência para com esta fase da vida.

4.1 A criança e suas particularidades

A ideia de se pensar na criança é sempre uma maneira remota de voltar à

origem temporal. Perceber a criança é ver o passado e entender que existem pontos extremamente distintos da sua realidade para a nossa, porque, enquanto amadurecemos, notamos que os desejos, pensamentos e imaginações, a forma como lidamos com as conjunturas e experiências da vida não mudam, mas sim a nossa visão sobre elas.

Uma criança não possui, ainda, a visão da realidade indefinida como a de um adulto, as suas vivências e sentimentos são diferentes, os aspectos cognitivos e emotivos variam para o que chamamos de imaturidade, portanto, a criança não entende os objetos a sua volta da mesma maneira e significado que um adulto.

Para se entender esta fase da vida, deve-se recorrer aos conhecimentos pedagógicos a fim de entender como diversos teóricos pensaram a infância, o seu desenvolvimento, para poder distinguir a forma de lidar com esta fase e com os processos de aprendizagem, e, no que se refere a este trabalho, entender os aspectos psicomotores.

Iniciando-se com Piaget (2011), a criança teria a inteligência muito antes da linguagem e do pensamento, que se inicia desde o nascimento da criança, porque seus movimentos a atribuiria esta inteligência, levando em conta seus reflexos e habilidades, significando, assim, uma capacidade senso-motor.

Nesse intento, a inteligência da criança seria marcada pela sua relação com o meio e objetos. Para se elucidar o desenvolvimento desta inteligência é necessário explorar a relação como forma de analisar como esse processo influencia na personalidade da criança, assim “a inteligência existe na ação do sujeito, na ação mental e física constituída com o ambiente, ou seja, essa interação de sujeito e ambiente envolve um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, processo pelo qual permite nossa adaptação ao meio e a interiorização dos objetos desse meio” (GOMES; GHEDIN, 2012, p. 4).

Como se observa nos discursos dos autores acima, a relação que a criança estabelece entre si, o meio e os objetos a sua volta são essenciais para a construção de sua inteligência, outrossim, a união dos aspectos físicos e psicológicos ocorre a assimilação das coisas a sua volta e permite a sociabilização com os outros sujeitos, sendo que é “preciso agir para aprender sobre o mundo e sobre as coisas” (GOMES; GHEDIN, 2012, p.4).

Por isso:

“Podemos dizer que a inteligência nasce à medida que começamos agir e interagir com e sobre o mundo, mesmo que seja com pequenos atos na fase sensório-motora, quando um bebê procura algo que está escondido, por exemplo. Podemos dizer também que aprendemos mais quando participamos ativamente do processo de aprendizagem, ou seja, quando somos conduzidos a construir e não a reproduzir ou repetir mecanicamente um processo” (GOMES; GHEDIN, p. 4).

As contribuições de Rousseau (1999, p. 86) são relevantes, visto que expõe que nessa fase da “infância tem maneira de ver, de pensar e de sentir que lhes são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas [...]”, pois estas lhes são característica própria, ou seja, a criança possui uma maneira diferente de ver o mundo, de senti-lo e de participar dele.

Rousseau (1999) ainda discorre sobre a nossa fragilidade enquanto criança, e que somos dependentes de alguém e de educação para crescermos, explicando que essa educação “vem da natureza, ou dos homens ou das coisas”, esclarecendo que a de origem da natureza é o desenvolvimento interno de nosso organismo, a dos homens é a que nos ensina ao que fazer com a educação da natureza e as experiências adquiridas através dos objetos e a educação das coisas, afirmando que “nascemos sensíveis e desde nosso nascimento somos molestados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam” (ROUSSEAU, 1999, p. 12).

Ainda nessa perspectiva, sabe-se que o primeiro contato do ser humano com o mundo é pelo movimento, nas palavras de Jersild (1971), quando afirma que durante toda a vida a pessoa possui uma visão de si própria influenciada pela percepção de seu corpo e suas peculiaridades de força e habilidades em atividades físicas.

A criança, por ser a nossa causa primeira, utiliza o movimento como um dos fatores que dá à sua construção do desenvolvimento físico e o acompanhará por toda a vida, desde aquela fase até no desempenho funcional nas diversas atividades profissionais que os indivíduos irão exercer na sociedade. Por meio da fala, dos gestos, dos olhares, dos movimentos e da emoção, e também através da linguagem verbal e corporal é que ele se faz entender em relação as suas necessidades de sobrevivência, conforme os autores:

“De acordo com Vygotsky, as crianças nascem com poucas funções mentais básicas – atenção, sensação, percepção e memória – que são eventualmente transformadas pela cultura em novas e mais sofisticadas funções mentais superiores. A memória é uma das

funções psíquicas que possuem uma contribuição significativa para o processo de aprendizado” (RIBEIRO *et al.*, 2016, p. 399)

A criança precisa ser tratada como criança, então proporcionar liberdade para se movimentar é a forma mais adequada de iniciá-la no processo de educação, pois “estimula não só a dimensão motora, mas propicia uma colaboração significativa para a compreensão, consciência, entendimentos de situações que influenciarão a sua forma de agir, partindo para uma progressão de aprendizagem chamada aprendizagem conceitual” (ARAÚJO *et al.*, 2017, p. 8).

Segundo Fontana (2012, p. 35):

“No decorrer da história da humanidade a criança sempre foi relegada a segundo plano, não havendo grande importância sobre seu cognitivo, o seu afetivo ou seu social, principalmente por ser durante um longo período de tempo tratada pela sociedade como um pequeno adulto e às vezes também como um ser cujo intelecto se assemelha a um quadro branco, onde tudo depende da intervenção do ambiente em que vive para moldá-la” (FONTANA, 2012, p. 35).

Assim, a distinção de outras fases não deve impedir que a criança pudesse se libertar, se movimentar, utilizar da criatividade nata e das indagações, porque todo esse conjunto de ações e atitudes faz parte dessa etapa. Entretanto, as crianças, com o advento da tecnologia, passaram a não mais adentrar na educação natural, uma vez que passam muito tempo com aparelhos e jogos que produzem uma realidade não adequada e coerente a esta idade infantil, tornando-se crianças ociosas e que não estimulam a mente através dos movimentos, perdendo a essência do estado de ser criança.

Dessa forma, a criança não deve ser considerada somente em sua fragilidade, ela possui particularidades e necessidades inerentes à sua condição infantil, devendo os seus educadores ter a noção que não se permite tratar uma criança da mesma maneira que um adolescente ou um adulto, mas com muita cautela e se baseando nos aspectos condicionantes àquela situação de ser criança.

Ribeiro *et al.* (2016, p. 395) confirmam através das teorias de Piaget que:

“a criança interage com o meio ambiente de maneira a construir uma nova compreensão sobre objetos e conhecimentos. Dessa maneira, a relação da criança com o meio externo é participativa e ativa. O caráter biológico e o maturacional são relevantes na teoria de Piaget, ou seja, o desenvolvimento é a base e suporte para que o processo de aprendizagem ocorra” (RIBEIRO *et al.*, 2016, p. 395).

Desse modo, a criança possui uma maneira distinta de aprender, carece de um estilo adequado de lidar com as particularidades, pois é a primeira fase da vida humana. Nela ficará marcada todas as situações que viver, tanto suas frustrações e sentimentos reprimidos, como as alegrias e sentimentos socioafetivo, sendo, portanto, essencial, que a utilização de qualquer ciência respeite este estado infantil diante de sua visão própria de enxergar e viver as situações, aplicando os modelos educacionais condizente com sua realidade e necessidades.

É nesse desígnio, a criança possui compreensões que lhes são próprias, que devem ser entendidas e utilizadas como forma de aprendizagem, sem frustrar lhe neste momento peculiar da vida que pode ter repercussões na continuidade vital. Uma vez que “ser criança é estudar brincando, conversar e aprender, criar e ensinar, ser e ousar, rir e chorar, assim é a criança na Educação Infantil, fascinante” e “compreende o mundo interpretando-o e respeitando-o, vive intensamente, brinca e sem saber constrói conhecimentos importantíssimos que irão acompanhá-la por toda vida” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 2).

4.2 O desenvolvimento infantil

A criança, durante o seu crescimento, passa por conjunções diversas, cujas possuem, indubitavelmente, grandes reflexos em sua personalidade, podendo contribuir com o seu desenvolvimento integral, ou prejudicar as fases educacionais futuras que vir a viver, como já defendido, as frustrações dessa fase são marcantes e determinantes durante todo o seu processo de evolução humana.

A Psicologia tem a explicar esses fenômenos, pois:

“estuda o comportamento e a subjetividade do indivíduo a partir de diferentes vertentes, como, por exemplo, a vertente do desenvolvimento e da aprendizagem. Essa área busca compreender as bases fundamentais do processo de como as pessoas desenvolvem e aprendem nos aspectos físico-motor, intelectual, afetivo-emocional e social nas diferentes fases da vida: nascimento, infância, adolescência, vida adulta e velhice” (RIBEIRO *et al.* 2016, p. 395).

Por isso, ao analisarmos a infância e o desenvolvimento infantil, a Psicologia do desenvolvimento pode dá explicações autênticas e científicas sobre as particularidades desse caminho que a criança vive, sendo necessária sua compreensão para se compreender as características peculiares no desenvolvimento nesta fase humana.

Para Piaget, a criança interage com o meio e com os objetos formando

suas ideias e compreensões, participando neste de modo ativo, defendendo o autor que o desenvolvimento é fundamental para o processo de aprendizagem, entretanto, Vygotsky entende que o desenvolvimento cognitivo é construído por meio do diálogo com a sociedade e com seus membros, através da cooperação (RIBEIRO *et al.*, 2016).

Piaget, por outro lado, utiliza-se da cronologia do desenvolvimento biológico e maturacional, por meio do qual a criança passaria por níveis constantes, até que o processo de aprendizagem ocorra, ou seja, “todas as crianças de uma mesma faixa etária necessariamente teriam de estar no mesmo processo de desenvolvimento, sendo, portanto, a idade biológica equivalente à idade mental” (RIBEIRO *et al.*, 2016, p. 397).

Sobre as influências do espaço escolar no desenvolvimento infantil, Ribeiro *et al.* (2016, p.398) descreve que o:

“processo de aprendizagem pode ser definido como o modo de os seres adquirirem novos conhecimentos, por um processo integrado que provoca uma transformação qualitativa na estrutura mental. O desenvolvimento cognitivo sofre modificações quando a criança ingressa na escola, levando consigo marcas que podem interferir no rendimento escolar. Essas marcas, que podem ser biológicas, psicológicas, familiares, sociais, provêm dos primeiros anos de vida” (RIBEIRO *et al.*, 2016, p. 398).

A provocação dessa mudança na estrutura mental da criança deve ser bem analisada, pois as ações dentro do espaço escolar podem prejudicar no processo de desenvolvimento, pois as interações com os meios e objetos seria gradual e não permitiria um eficaz desenvolvimento, prejudicando sua aprendizagem, assim, “as atividades do aprendizado serão fixadas na memória e necessitarão de estímulo para não se tornarem reversíveis. Qualquer deficiência na capacidade de fixação, conservação ou evocação pode comprometer seriamente o desenvolvimento cognitivo” (RIBEIRO, *et al.*, 2016, p. 399).

Sousa e Silva (2013) expõe o seguinte:

“O procedimento de aprendizagem é um processo complexo que abrange preceitos e capacidades diversas, inclusive as motoras. É de suma importância que a criança adquira determinadas habilidades durante a fase pré-escolar, permitindo e facilitando sua aprendizagem. Essas habilidades são condições básicas e necessárias para uma boa aprendizagem e constituem a estrutura da educação psicomotora” (SOUSA; SILVA, 2013, p. 130).

Por esse motivo, adota-se a compreensão de Piaget com algumas

considerações de Vygotsky, pois entendemos que a relação do sujeito com o meio e com os objetos são extremamente necessários para o estímulo do pensamento e do conhecimento, logo, do próprio desenvolvimento em si, proporcionando, destarte, a aprendizagem da criança por meio desta interação não só com o dito, mas também com as pessoas a sua volta.

Ademais, essa compreensão se condiz com a de Tassi e Batista (2014) quando explicam que “o desenvolvimento mental infantil tem uma profunda relação com o desenvolvimento motor, permitindo que a criança seja capaz de controlar seu próprio corpo, sendo, desta forma, ideal que a mesma possa integrar cada um dos processos antes de incorporar um novo”, logo, com a relação do sujeito consigo, com os objetos, com o meio e com as pessoas.

Quanto à aprendizagem, Pessanha *et al.* (2015 apud BARROS; PEREIRA e GOES, 2008) denota que ela é enxergada como um caminho de coleta de informações e de estruturas de comportamento, que se adiciona aos movimentos e habilidades do sujeito com influências da prática e experiência.

O interacionismo de Piaget é uma importante teoria para o estudo do desenvolvimento da criança, porque insere essa compreensão das relações com os referenciais diante da epistemologia genética, que nos aduz ao fato de serem as primeiras impressões da criança que fornece a imagem e as sensações do mundo (RIBEIRO *et al.*, 2016).

Levando em conta a separação nivelada de Piaget no processo cognitivo do desenvolvimento e aprendizagem, tem-se a fase senso-motor, cujo contato social não existe, só gera na criança imagens mental de objetos ou ações, configurando-se a representação, pode-se ponderar acerca da primeira relação psicomotora, porque há um elo entre a própria criança e os objetos e meio (PIAGET, 1980).

Após esta fase, Piaget classificou a pré-operatória, etapa intuitiva do processo cognitivo, baseando-se numa instrumentalidade, o que ele chamou de função semiótica por acarretar para o indivíduo as emoções e inclinações a uma aprendizagem pelos instrumentos, proporcionando à criança as manifestações da linguagem, imaginação, entre outras, vejamos:

“esse momento é de fundamental importância na construção do pensamento lógico-matemático, tais como o número e outras noções lógicas do início da escolaridade forma (...) o professor poderá avaliar as funções que estão em maturação e que não foram percebidas, podendo assim

estimular a criança a se desenvolver ainda mais” (SILVA, 2010, p. 5).

Nesse processo, há de se ter um grande cuidado, a criança não pode passar por angústias severas, senão passará a ter sentimentos de indissociabilidade, tornando-a afastadas do processo de ensino-aprendizagem, geralmente, por conta de problemas com os profissionais que não entendem essa peculiaridade da criança, e, muitas vezes, por questões familiares ou socioafetivas.

Alguns psicólogos dizem que quanto mais cedo a criança frequentar a escola, melhor será para elas, bem como para o seu desenvolvimento total, pois a escola torna-se uma experiência enriquecedora para a sua evolução como criança, principalmente no período em que passa por mudanças físicas, cognitivas e afetivas, reconhecendo em outras crianças, que, também, formam uma amizade completa para o resto da sua vida, o aprendizado poderá proporcionar o contato com o mundo e a própria sociabilização.

Portanto, o desenvolvimento infantil que se fincará é o interacionista, por entender que o aprendizado é dado pelo desenvolvimento na relação do sujeito com o seu espaço ou meio, com os objetos e com os sujeitos envolvidos no processo de escolarização, pois a formação das habilidades físicas do indivíduo acontecerá ao longo da interação com o mundo social. Ao dominar o uso de um número cada vez maior de objetivos, ao mesmo tempo aprenderá a agir em situações vivenciadas (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

4.3 Psicomotricidade e Educação em relação aos aspectos infantis

Os profissionais da Educação Física, há várias décadas, vem buscando aprimorar os conhecimentos sobre a criança e seus movimentos, e através de estudos, incorpora à sua prática, bem como as mudanças significam o desempenho da criança no processo de evolução de ensino-aprendizagem, sendo que cada profissional da educação possa estar também sentado nos aspectos que distinguem as crianças dos adultos.

Assim, deve-se organizar o conhecimento de maneira apropriado, entendendo-se da mesma maneira Fontana (2012, p. 33):

“Os estudos sobre o desenvolvimento motor mostram que o desenvolvimento da criança é um processo natural e progressivo que irá acontecer sem a necessidade de uma preocupação específica de preparar ou modificar o ambiente que a criança está inserida, sendo que, o aumento dos estímulos contribuirá muito para o

desenvolvimento da criança e para que haja esta contribuição deverá estar organizado de maneira apropriada” (FONTANA, 2012, p. 33).

Antes de prosseguir, a necessidade de se avocar o conceito de saúde fornecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 1948, que a define como o bem-estar de forma integral do indivíduo, não somente a ausência de doença, assim, em consonância com a Educação Física, tem-se que os meios e métodos adequados utilizados por esta devem atingir a educação social, formal, física e psicológica.

Desse modo, a Educação Física promove um conhecimento multidisciplinar que promove ao sujeito seu desenvolvimento amplo, não somente em razão a motricidade, mas também ao conjunto completo dos fatores socioeducacionais, estando de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos no processo de educação.

De tal modo, a Educação Física deve abordar os estímulos indispensáveis para a saúde completa do indivíduo, não só conteudista ou metodista, mas que desenvolva no sujeito relações cruciais entre todas as funções e subfunções biopsicossociais, e desse modo, a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de uma base na educação infantil e séries iniciais.

Essa aludida educação condiciona a um processo de alfabetização, pois leva a criança a tomar a consciência de seu próprio corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, assim como a dominar seu tempo, adquirir, habitualmente, a coordenação de seus gestos e movimentos. Ou seja, a psicomotricidade não apenas uma prática preventiva, mas educativa, que contribui na aquisição da autonomia para a aprendizagem, facilitando assim o processo de alfabetização nas escolas.

Enquanto que a Educação Física aborda tais compreensões sobre a integralidade do corpo versus mente, a psicomotricidade insere-se nesta como ferramenta indispensável aos seus efeitos, já que o corpo e a mente estão inseparáveis na construção da personalidade do indivíduo e de sua formação psicológica, mas também social, compreendendo, dessa forma, todos os aspectos biopsicossociais do indivíduo, logo, promovendo relevante valor e ação perante aquele.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, sob nº 9.394 de

20 de dezembro de 1996, trouxe para a educação, que também é um direito social expresso no artigo 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, uma nova vertente que avoca a globalidade do indivíduo para o meio escolar, ao expressar que a educação é um processo formativo amplo, tendo por finalidade o pleno desenvolvimento humano como dita as regras dos artigos 1º e 2º da referida Lei.

Por isso, a Educação Física, ao ser superada como uma mera disciplina de recreação, está também inserida no currículo escolar através da LDB em seu artigo 26, §3º, tornando-a, inclusive, uma disciplina obrigatória, exceto em alguns casos, tais como para pessoas que cumpram jornada de trabalho superior a seis horas, maior de 30 anos, que tenha filhos, e que estiver prestando serviço militar.

Para tanto, é necessário que os profissionais envolvidos neste processo de educação física tenham uma visão holística da metodologia que ultrapasse o plano apenas das características físicas do ser humano, trazendo à tona a sua integridade, principalmente a de sua alma que é estimulada pelos processos motores, pois “com a educação psicomotora a Educação Física passa a ter como objetivo principal incentivar a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 4).

A base do processo intelectual e da aprendizagem da criança está como já referida, na estrutura da Educação Psicomotora, onde a sua evolução parte do geral para o específico, caso a criança apresente problema, na maioria das vezes, estes ocorrerão no nível das bases do desenvolvimento do psicomotor, por isso, torna-se necessário à utilização dos elementos básicos desta ciência, porquanto “a abordagem que a psicomotricidade proporciona é permitir a compreensão da forma como a criança toma consciência do seu corpo e das possibilidades de se expressar por meio desse corpo, localizando-se no tempo e no espaço” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 7).

Isso porque “a formação das habilidades físicas do indivíduo acontecerá ao longo da sua interação com o mundo social. Ao dominar o uso de um número cada vez maior de objetivos, ao mesmo tempo aprenderá a agir em situações vivenciadas” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994).

Ainda nesse contexto, o estímulo de um desenvolvimento psicomotor é de tal importância, ao passo de que quando ocorrer falhas nesta evolução das crianças, estas podem ocorrer no mesmo processo de aprendizagem, quando não há essas influências psicomotoras, tais como: a dificuldade na aquisição da linguagem verbal e escrita; a falta de um repertório de vivências concretas para a criança, que faz parte de um universo de símbolos, na linguagem, para construção de um processo de aprendizagem delas; o desenvolvimento psicomotor é mal constituído, a criança poderá apresentar alguns problemas sérios na alfabetização (FREIRE, 1989, p. 122).

O interacionismo de Piaget é muito relevante nessa construção, como se forma a consciência de uma criança se não tiver nenhuma relação com o tempo, espaço e objetos ao seu meio, como criar as ideias se não há uma associação de elementos prévios? É uma questão de análise empírica e social, não se deixando de lado o fato de, também, ter a criança a interação com outros sujeitos dentro dos espaços.

Desse modo,

“todas as experiências da criança (o prazer, a dor, o sucesso ou fracasso) são sempre vividas corporalmente. Se acrescentarmos valores sociais que o meio dá ao corpo e a seção de suas partes, este corpo termina por ser investido de significações, de sentimentos, de valores muito particulares e absolutamente pessoais” (VAYER, 1984, p.76).

A psicomotricidade propicia à criança consideráveis benefícios tanto no controle de sua motricidade, quanto na sua relação com o mundo novo que presencia, ou seja, tem por objetivo “privilegiar a qualidade da relação afetiva, a mediatização, disponibilidade tônica, segurança gravitacional e o controle postural, a noção do corpo, sua laterização e direcionalidade e a planificação prática, enquanto componentes essenciais” (FERNANDES; BARROS, 2015) para a formação integral, bem como para a aprendizagem.

Além disso, esclarecem os autores Fernandes e Barros (2015) que o encarregado de levar as experiências concretas ao cérebro é a motricidade, cuja função é processar as informações sensoriais, perceptivas, afetivas, entre outras vividas pela criança, conforme os autores:

“(…) a Psicomotricidade mediatiza o ato psicomotor através das

intervenções psicomotoras que conduz a organização e a vivência a estimula a criar relações infinitas conscientes que façam a criança ficar segura dos seus atos e ter satisfação em realizá-las, pois estão integrados à linguagem da Psicomotricidade “Querer Fazer, Saber Fazer e Poder Fazer não deixando de perder sua oportunidade no mundo externo” (FERNANDES; BARROS, 2015, p. 11).

Por conseguinte, umas das análises a se fazer é acerca da sensação, cujo significado se refere a ativação de estruturas sensoneurais, a qual é estimulada pelas ações psicomotoras, bem como a percepção, que significa a capacidade de distinções dos objetos ou dos próprios sentidos, sobretudo, a função de estruturar essas informações, logo, a psicomotricidade promove, além dos ditos atributos da aprendizagem, uma educação condizente com as finalidades sociais e legais.

Como afirmam Pessanha *et al.* (2015):

“A Psicomotricidade é a base fundamental para o processo intelectual e de aprendizagem do indivíduo. É indispensável no desenvolvimento motor, afetivo e psicológico ressaltando a importância da atividade lúdica através de atividades psicomotoras, que possam solucionar ou minimizar as dificuldades de aprendizagem na instituição escolar” (PESSANHA, 2015, p. 20).

No que diz respeito à fase da infância, a intervenção das atividades psicomotoras são essenciais, porque neste momento da vida a criança passa por mudanças constantes ao decorrer da idade, e necessita ser preparada para o que vem posteriormente em sua vida, para não haver frustrações ou dificuldade em lidar com o espaço a sua volta.

Isso se torna mais relevante quando se aduz que a criança pode ter sua aprendizagem prejudicada ou danificada por diversos fatores, e a psicomotricidade permite a criança uma nova e mais facilitadora maneira de estimular o seu processo cognitivo, pois

“Considera-se que a aprendizagem motora é complexa e envolve todas as áreas corticais de associação, é importante compreender o funcionamento neurofisiológico da maturação, para entender melhor as bases teóricas necessárias para a estruturação de um plano de ensino, considerando as fases de desenvolvimento neural da criança, maximizando assim o aprendizado” (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 24).

A criança tem maneira adequada de aprendizagem, ela coleta os dados através do movimento estimulante que produz a satisfação de participar, por exemplo, das brincadeiras, dos jogos, dos brinquedos, etc. Da mesma forma entendendo Dos Santos e Costa (2015):

“A psicomotricidade contribui de maneira expressiva para a formação e estruturação do esquema corporal, assim incentivando a prática do movimento em todas as etapas da vida de uma criança. Por meio de atividades variadas às crianças, além de se divertirem, criam, interpretam e se relacionam com o mundo em que vivem” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 4).

O ser humano tem o movimento como sua primeira manifestação, é algo inerente à sua condição, mesmo dentro da vida intrauterina, o ser humano se movimenta como forma de se sentir vivo e saudável, tendo isso influência direta no seu comportamento, logo, em seu desenvolvimento, porquanto essa ciência é um vínculo entre a ação e os pensamentos, envolvendo as emoções (DOS SANTOS; COSTA, 2015).

No mesmo sentido Sousa e Silva (2013, p. 1) exploram quando dizem que “o ato motor é ainda um recurso privilegiado para a construção do conhecimento. As sensações só são retidas, discriminadas e identificadas no momento em que a criança é capaz de reproduzi-las por meio de gestos apropriados”, e, ainda, consideram a psicomotricidade como maneira eficaz no auxílio do rendimento infantil, tendo em vista sua personalidade e suas vontades inerentes, dando subsídios educacionais ao equilíbrio e capacidade de percepção.

Para a infância, a utilização da ciência psicomotricidade acarreta um conjunto de valores, principalmente porque a criança necessita de muita satisfação em praticar as determinadas atividades, visto que se está diante de seu processo mais incisivo de aprendizagem, consoante o que se expõe:

O procedimento de aprendizagem é um processo complexo que abrange preceitos e capacidades diversas, inclusive as motoras. É de suma importância que a criança adquira determinadas habilidades durante a fase pré-escolar, permitindo e facilitando sua aprendizagem. Essas habilidades são condições básicas e necessárias para uma boa aprendizagem, e constituem a estrutura da educação psicomotora (SOUSA; SILVA, 2013, p. 130).

As atividades psicomotoras possuem, sobretudo, uma relação multidisciplinar como a própria Educação Física, por isso não se pode esperar somente da área o reconhecimento desta condição, deve-se entender que a psicomotricidade é baseada nos aspectos interdisciplinares, e que a criança envolvida neste processo necessita dessas atividades para o seu regular desenvolvimento integral, inclusive por provocar a criança na sua relação com o meio e a capacidade intelectual.

Segundo afirmam Xisto e Benetti (2012, p. 1825):

“Sabe-se que a psicomotricidade tem papel importante na contribuição para a aprendizagem de crianças em idade escolar. Para atingir esse objetivo, a psicomotricidade trabalha na prevenção de problemas de dificuldades escolares tais como: afetividade, leitura e escrita, matemática, atenção, lateralidade, dominância lateral, funções cognitivas, socialização e trabalho em grupo” (XISTO; BENETTI, 2012, p. 1825).

Além disso, a educação psicomotora é imprescindível para a criança no ensino infantil, pois as exigências etárias consigna essa educação visto que promove, realmente, o “desenvolvimento motor, afetivo e psicológico, dando oportunidade para que por meio de jogos e atividades lúdicas a criança se conscientize sobre seu corpo” (DOS SANTOS; COSTA, 2015), ou como afirma Sousa e Silva (2013, p. 130) que “o conhecimento corporal é um componente fundamental e imprescindível para a formação da personalidade da criança”.

Ademais, a psicomotricidade não pode ser entendida, muitas vezes de forma ignorante, que é para ser utilizada exclusivamente com crianças portadoras de deficiência. Essas, realmente, precisam da psicomotricidade, mas como qualquer outra criança envolvida no processo de educação, estimula o corpo a interagir com o meio e objetos em volta, tendo reflexos substanciais na evolução psicológica do indivíduo (RABELO; AQUINO, 2014).

Segundo Coste (1981, p.10) a psicomotricidade, em sua prática, quer afirmar que o homem é o seu corpo, sem diversões, mas por seriedade de seu desenvolvimento. Por isso, não deve restringir em só transformador do corpo, mas sim, toda a educação integral do indivíduo, proporcionando a este, mais precisamente, ao ser em infância, a criança, dentro do espaço escolar, o desenvolvimento das habilidades motoras e cognitivas.

Levando essa concepção a análise, se a criança necessita de educação psicomotora para, justamente, evitar as dificuldades de cognição e prevenir problemas pedagógicos, tendo como finalidade preparar estas crianças para a vida, melhorando seus aspectos biopsicossociais, tais como a afetividade, leitura, escrita, lateralidade, atenção, suas funções cognitivas, socialização, entre outros, não se é adequado dar exclusividade aos portadores de deficiência, haja vista o benefício ser para todos as crianças (BECKERT; TRENHAGO, 2015).

Portanto, a aprendizagem psicomotora ocorre na vivência do dia a dia, entretanto, a escola, sendo uma instituição social que se apresenta como responsável pela educação sistemática das crianças, jovens e adultos, deve dar clareza e segurança dos objetivos e atividades propostas (CUNHA, 1990).

Ainda, a psicomotricidade ao se promover um movimento humano, contextualizando, associando a um ambiente cognitivo e emocional, às suas significações, que proporcionam um desenvolvimento integral do seu próprio ser, porque a educação integral do indivíduo só ocorrerá se na escola for valorizando esta ciência no próprio ambiente, porque segundo “La Pierre e Le Boulch a psicomotricidade deve estar na formação de base, proporcionando uma melhor capacitação ao aluno, sendo que terá uma melhor e maior assimilação as aprendizagens escolares, pois este é requisito indispensável para criança” (OLIVEIRA, 1992).

Em conformidade com a concepção educacional proposta por Deweyana, é imprescindível a distinção das “experiências genuinamente educativas, dos experimentos descuidados, ocasionais e rotineiros”, porque o ato de refletir começa com as experiências vivenciadas pelo educando, e quando esses, na infância, são colocados perante diversos problemas e situações que levem a tentar fazer alguma coisa, deve-se atentar para as peculiaridades consoantes as experiências educativas (CUNHA, 1990).

Diante do exposto, pode-se entender que a relação entre corpo e mente é indissociável e relevante para o processo de ensino aprendizagem, devendo ser utilizada não somente pela Educação Física, mas também em todo o processo educacional, em suas diversas áreas para compreender a ciência de forma não preconceituosa e valorizá-la no que tange, principalmente, aos aspectos infantis e do seu desenvolvimento, especialmente nas crianças que possuam dificuldades de aprendizagem ou naquelas que estão iniciando a vida escolar.

5. APLICAÇÃO DA PSICOMOTRICIDADE NO ENSINO INFANTIL: A PRÁTICA

Após compreender os aspectos históricos e biopsicossociais da psicomotricidade, bem como sua importância para o ensino infantil e para as crianças, faz-se necessário entender do que trata esses ensinamentos e como se dá

este processo, para que se possa entender como a psicomotricidade entra neste espaço referente aos planos da LDB.

Em pós, ver-se-á os aspectos teóricos referentes ao profissional da Educação Física, sobre suas condutas e ações perante a ciência da psicomotricidade dentro da relação entre aluno e professor no Ensino Infantil.

5.1 A Educação Infantil

Desde a promulgação da Constituição de 1988 que a educação infantil passou a ter mais proteção e entendimento pelo Poder Público e pela sociedade, bem como pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA de 1990, promovendo direitos valiosos que trouxeram mais segurança para esta fase da educação, conforme se vê no artigo 208, inciso IV da Constituição de 1988:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

(...)

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade;

Assim, a educação infantil é um nível do Ensino Básico, compreendido pelo Ensino Médio e Fundamental além daquele, sendo a primeira etapa deste ensino, tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança até os cinco anos de idades, conjugando aos seus atributos físicos e biopsicossociais, entendendo-se que “a base do trabalho com as crianças na Educação Infantil consiste na estimulação perceptiva e desenvolvimento do esquema corporal” assim como “a criança organiza aos poucos o seu mundo a partir do seu próprio corpo” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 7).

Analisando esses dispositivos legais, os autores Rabelo e Aquino (2014, p. 114) afirmam que para colocar em prática os objetivos legais:

“(...) torna-se necessário compreender a criança como ser global, que se desenvolve a partir da interação de diferentes dimensões. Cabe assim à Educação Infantil cuidar da aprendizagem e favorecer a dinâmica evolutiva da criança através de uma prática que possibilite o desenvolvimento integral do seu ser” (RABELO; AQUINO, 2014, p. 114).

Além disso, será fornecida em creches para crianças de até três anos de idade e de pré-escolas para crianças de quatro a cinco anos de idade, justamente

porque são fases distintas e merecem, ainda que na infância, cuidados e aprendizados diferentes, que atendam às suas necessidades biopsicossociais.

Rocha *et al.* (2011) estabelecem a relevância deste modelo advindo da Constituição e da LDB:

“A partir deste contexto, a criança é vista como um ser social, capaz de ser ensinada e de compreender o mundo a sua volta, assim as famílias que antes não ofereciam atenção a criança, preocupam-se agora com sua educação e seus estudos para garantir assim seu futuro financeiro, portanto a preocupação com a educação era restrita para as camadas pobres” (ROCHA *et al.*, 2011, p. 3).

As creches possuem a função de ter o cuidado com as crianças diante da ausência familiar, propiciando-lhes a construção dos sentimentos socioafetivos diante da sociedade, aprendendo a sociabilizar ao tempo que produz saberes essenciais para toda sua vida acadêmica.

Nesses termos, Dos Santos e Costa entendem no mesmo sentido:

“A Educação Infantil corresponde à primeira etapa da Educação Básica, e assim considerada essencial, ela dá os fundamentos primordiais desta fase. Tendo grandes responsabilidades no crescimento infantil, porque educar é tarefa difícil e delicada, de um pouco de ciência, de experiência e de muito bom senso, mas, sobretudo de infinito amor e carinho. Dentro desse contexto, a escola é vista como ambiente favorável de interação entre a criança e o saber” (DOS SANTOS; COSTA, 2015 p. 1).

Assim, a evolução na legislação veio a atender as necessidades das fases da vida humana, entendendo cada uma e suas respectivas relevâncias sociais, visto que ao compreender que a criança é o cerne geral do processo de educação permite que se crie um sistema de ensino forte e capaz de superar os desafios da educação. No que diz respeito à aprendizagem, principalmente porque “na educação das crianças, é preciso associar os movimentos aos objetivos educacionais, criando relações e situações apropriadas ao favorecimento da aprendizagem, salientando a importância do profissional da educação em trabalhar essa ciência em sala de aula” (SOUSA e SILVA, 2013, p. 4).

Além do mais, o Ministério da Educação e Desporto (1998) coloca de acordo com o referencial nacional para a Educação Infantil, que se deve garantir uma atmosfera de ordem e de harmonia, mas que esta não seja baseada em rígidas situações de outro controle, impondo a crianças a inatividade, em que muitos

professores equivocados, sem conhecimento, supõem que as manifestações motoras atrapalhem a aprendizagem. O próprio referencial coloca, que a impossibilidade de locomoção e de gesticular sejam prejudiciais, dificultando o pensamento e a manutenção da atenção.

Consoante isso, neste nível do ensino, a criança tem a liberdade de ser como é, pode aprender e se desenvolver diante de particularidades e características que lhes são próprias, as quais não lhes podem ser retiradas, sob o prejuízo de seu desenvolvimento, ou seja:

“Na Educação Infantil a criança tem que ser criança, poder brincar, amar, conhecer interagir, pois a criança se desenvolve brincando. Sendo assim, o desafio e o faz-de-conta, precisam estar presentes constantemente na rotina escolar. É fundamental a boa acolhida, a segurança, o espaço para a emoção, a sensibilização, a expressão, como também, a ampliação das habilidades, o desvendar do corpo e do espaço na formação da identidade e autonomia de cada um” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 2).

Os autores citados reconhecem que a criança é estimulada através de suas interpretações do mundo, não como fragilidade, mas o impacto que vivem com a novidade de viver e sentir, o que deve ser entendido nesta fase do ensino básico, com as interações que o sentido dela se conduz.

Além disso, nesta fase a criança também deve descobrir o seu corpo no que se refere aos movimentos, sensações, estados, limites tão importantes nesta fase descrita, pois “nesta, ela está construindo a sua imagem corporal” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p.3), necessitando passar por um processo de ensino que valorize isso, tal como a utilização dessa indissociável relação entre o corpo e a mente, o que se aduz da psicomotricidade. Ou seja:

“A função motora, o desenvolvimento intelectual e o afetivo estão intimamente ligados na criança. A Psicomotricidade quer justamente destacar a relação entre a motricidade, a mente e a afetividade que existe na etapa da Educação Infantil e facilitar o desenvolvimento global da criança” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 3).

E é na educação infantil que isso deve mesmo prevalecer visto que “o mundo psicomotor surge na escola, tanto nas aulas de Educação Física como na sala de aula e dessa maneira, cria-se um espaço para o corpo: os movimentos, o dinamismo e a liberdade são vividos pelas crianças” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 4).

O valor da pesquisa dos autores citados está na sua conclusão sobre esta

fase do ensino infantil a qual afirmam:

“Uma das principais propostas deste trabalho na Educação Infantil, portanto é o de criar espaços e oportunidades onde às crianças se vejam podendo realizar várias atividades, sempre experimentando, pois se acredita que é só assim que elas podem de fato, tornar-se cada vez mais saudáveis, confiantes e autônomas” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 8).

A escola, na sua totalidade, pode proporcionar um leque de grandes atividades que possam estimular o educando a um grau de desenvolvimento possível e elevado. Então cabe a esta escola, nesse caso infantil, a ter a consciência e a necessidade de uma alfabetização por uma linguagem corporal, antes de qualquer conteúdo escolar e formal.

5.2 O profissional da educação física e a utilização da psicomotricidade.

Como bem se considerou nos capítulos anteriores, a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base profícua na educação infantil, em suas séries iniciais, pois ela condiciona a um processo de alfabetização, a proporcionar à criança a reflexão ampla de seu próprio corpo e mente, situando-se no espaço, ao passo que compreende os movimentos como equilibrantes e dominando seu tempo, facilitando, pungentemente, a educação infantil, visto que:

“A criança ao ingressar na escola já adquiriu experiências relacionadas a diversas situações e irá reagir a esse novo espaço de acordo com condicionamentos anteriores, sendo frequente encontrarmos crianças que não conseguem adaptar-se, não apresentando um rendimento satisfatório nos estudos por estarem comprometidas por ansiedades e tensões psíquicas” (NOVAES, 1986, p. 25).

Para tanto, este estudo contribui para uma reflexão por parte dos profissionais da educação, destacando a necessidade do entendimento dos professores sobre como a educação psicomotora da criança influencia nas dificuldades do processo de alfabetização, proporcionando, deste modo, à criança a possibilidade de ser otimizada corporalmente dos seus potenciais neuropsicognitivos e funcionais, para que ela se desenvolva de maneira adequada, tendo uma vista, potências que estão no sujeito e as razões de um desenvolvimento e maturação.

O profissional da educação física deve entender que a prática psicomotora é um processo de ajuda que acompanha a criança em seu próprio

percurso maturativo, que vai desde a experiência motora e desenvolvimento até o acesso à capacidade da descontração, aprendendo, então, a criança como se deve e como se sente à vontade para aprender e adquirir as capacidades essenciais para o crescimento educacional, porque:

“Vale destacar que os problemas de aprendizagem constituem uma situação real dentro das instituições escolares, portanto, faz-se necessário que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem sejam leitores e pesquisadores de problemas de aprendizagem para que possa possibilitá-los a entender melhor como se dá a influência de fatores intra e extra escolares e como podem ser trabalhados de forma a minimizar os problemas de aprendizagem, no dia a dia escolar” (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 27).

Nesse sentido, é fundamental que haja a compreensão por parte dos educadores sobre os fenômenos que envolvem as crianças neste processo de educação psicomotora, a maneira adequada e efetiva de se trabalhar com o desenvolvimento desta ciência, principalmente na educação infantil e séries iniciais, porque é neste momento que a criança não pode ser imputada de uma educação absurdamente material, cheia de conteúdos e que afasta o interesse em estudar, pois:

É fato que, ao chegar a idade escolar, a criança já deveria possuir uma certa coordenação global do movimento e o professor da Educação Infantil deve observar, caso a criança apresente dificuldades em relação a postura e controle corporal, por exemplo, se apresenta cansaço ou deficiência na realização do movimento, precisa corrigir as posturas inadequadas a fim de adquirir uma coordenação mais satisfatória (TASSI; BATISTA, 2014, p. 7).

No conhecimento científico por parte dos profissionais da educação sobre o tema psicomotricidade, deve-se fazer presente nos cursos de suas formações enquanto professores, para atender as necessidades relacionadas à utilização de uma atividade psicomotora planejada na rotina das instituições escolares e também em relação à necessidade de um profissional especializado nas escolas da educação infantil e fases iniciais.

Considerando que é através do seu corpo que a criança percebe o mundo a sua volta e que seu desenvolvimento é estabelecido por meio das trocas que ela realiza com o meio, pode-se entender que o estudo sistemático dos elementos básicos da psicomotricidade, constitui-se como pré-requisitos da aprendizagem que poderá ajudar na resolução de problemas ligados às dificuldades de aprendizagem (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 27).

Não se pode desprezar a educação psicomotora no momento em que a

criança vai iniciar a sua vida escolar, na tentativa de ajuda-la a se organizar e proporcionar melhores possibilidades de resolver os exercícios e análise lógica da relação entre os números, passando a compreender esses termos como uma forma da mesma adentrar no mundo da educação sem que haja frustrações e desestímulos que, nesta fase, como já estudado aqui, carrega uma memorização diante da vasta curiosidade infantil.

Ou como melhor explicam os autores:

“A educação da criança deve evidenciar a relação através do movimento do seu próprio corpo, levando em consideração sua idade e cultura corporal. Pode-se dizer que o lúdico, através de atividades afetivas e psicomotoras, constitui-se num fator de equilíbrio expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, promovendo a totalidade do ser humano” (DOS SANTOS; COSTA, p. 8).

Quando, inicialmente, entra na escola, a criança tem um ótimo desempenho, segundo os responsáveis por essa educação. Procura proporcionar para elas uma qualidade e um bom desenvolvimento para participar e ser atuante da sociedade, assim, esses profissionais devem reconhecer que a prática psicomotora não está ligada apenas a questões físicas ou voltadas a uma recreação, mas sim uma integração primordial entre conteúdos e práticas. Ou seja:

“O professor deve estar sempre atento às etapas do desenvolvimento do aluno, colocando-se na posição de facilitador da aprendizagem e calcando seu trabalho no respeito mútuo, na confiança e no afeto. A psicomotricidade, no processo de ensino-aprendizagem, está intimamente ligada aos aspectos afetivos com a motricidade, com o simbólico e o cognitivo” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 7).

O papel da escola junto ao profissional no desenvolvimento da criança, ainda como uma interação pedagógica, permite que cada criança atinja mais cedo e em melhores condições o que se espera de seu desenvolvimento, ao deixá-la livre aos próprios desejos e particularidades, ela possa ter as possibilidades diante dessa liberdade dos seus conhecimentos para que venha atribuir o investimento oportuno, porque irá estar feliz em participar.

Consoante os autores:

“Para tanto, a escola precisa recorrer a outros profissionais da área da educação e clínica, em um trabalho interdisciplinar com auxílio de psicopedagogos, professores de Educação Física ou psicomotricistas, psicólogos, fonoaudiólogos e neuropsiquiatra, para juntos estruturarem ações, estratégias e intervenções que possam

contribuir como solução para diminuir os problemas de aprendizagem, pois o aluno é sujeito de transformação e de aquisição de aprendizagens” (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 27).

De acordo com Alves (2008) o trabalho com a educação psicomotora deve ser baseado na educação, objetivando o desenvolvimento das capacidades e rendimentos, visando à eficiência adequada aos diferentes níveis de habilidade, respeitando a personalidade, a vontade e a motivação do educando, portanto, devendo entender o profissional, que a criança, sobretudo, merece uma atenção maior, bem como um cuidado que incentive a prática psicomotora.

Assim, é necessário um trabalho sério que colabore no desenvolvimento das crianças, que possa ser muito bem iniciado nas escolas infantis, que possibilite a sua continuidade para toda escolarização das crianças, facilitando a ultrapassar os outros níveis da Educação Básica, sem que haja dificuldades extrapolantes, pois:

“Campanudo (2009) relata que as crianças podem manifestar dificuldades em vários tipos de aprendizagem, nomeadamente na aprendizagem escolar ou acadêmica, abrangendo a aprendizagem simbólica ou verbal, onde se incluem a leitura, a escrita e a matemática; ou na aprendizagem psicossocial ou psicomotora, de caráter não simbólico ou não verbal, revelando-se nas dificuldades em aprender a orientar-se no espaço, a desenhar, em atividades desportivas ou na interação com os pares” (PESSANHA *et al.*, 2015, p. 23).

Levando isso em análise, a psicomotricidade ocupa um lugar de destaque na Educação Motora da criança, buscando um desenvolvimento global, fazendo com que os profissionais da Educação Física que atuam nas escolas melhorem a pedagogia e a qualidade das aulas relacionadas ao ensino ofertado.

Quando um professor trabalha a psicomotricidade com as crianças na educação infantil, é fundamental e extremamente relevante o conhecimento de quando se fala em movimento, atentando-se que isto é, principalmente, o conhecimento da psicomotricidade, a qual é a substancial dimensão do desenvolvimento e da cultura humana, trabalhando diretamente o desempenho no movimento infantil e a aprendizagem perante as consequências disso, pois, segundo Constallat (apud Gomes, 1998, p.65) a “psicomotricidade pode ser vista como um processo ensino-aprendizagem, como tal, apresenta técnicas que se propõem a auxiliar o educando no aproveitamento e no desenvolvimento das potencialidades existentes”.

Estando essa compreensão em consonância com as dos autores Dos Santos e Costa (2015, p. 7):

“As atividades motoras desempenham na vida da criança um papel importantíssimo, em muitas das suas primeiras iniciativas intelectuais. Enquanto explora o mundo que a rodeia com todos os órgãos dos sentidos, ela percebe também os meios com os quais fará grande parte dos seus contatos sociais” (DOS SANTOS; COSTA, 2015, p. 7).

A tarefa do professor é ampliar a percepção da criança e o caminho que ela possa construir para poder, com isso, principalmente, ajudá-las a crescer biopsicossocialmente e a conhecerem a si como sujeitos, integrando-as à sociedade para proporcionar a sua socialização, pois o professor como educador tem um papel a cumprir, para isso é fundamental:

“Ele procura estruturar condições para ocorrências de interações professor-aluno, que levam a apropriação do conhecimento (...). Esta consideração em conjunto tem séria implicação para a Educação, procede-se na aprendizagem do social para o indivíduo, através de sucessivos estágios de interação, com auxílio de adultos ou companheiros mais experientes” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.22).

Para obter um bom resultado e bom planejamento de ensino, o profissional deve levar as suas realidades a sério, no que diz respeito à maturidade infantil, as suas necessidades, para que as crianças possam vivenciar um bom estudo e uma boa aprendizagem.

Como afirmam os autores:

“Os profissionais que lidam com a formação da criança na escola devem saber desvendar os diferentes processos da aprendizagem e ficar a par das dificuldades e fraquezas de como cada criança aprende considerando, desta forma, suas necessidades atuando de maneira efetiva nos problemas de aprendizagem atuando como um facilitador na construção da aprendizagem” (TASSI; BATISTA, 2014, p. 8).

Dessa maneira, o professor possui um papel muito importante, segundo Davis e Oliveira (1994,p.22) é fundamental que o professor: Procure estruturar condições para ocorrência de interações professor-aluno, objetivo de estudo, que levem a apropriação do conhecimento. Esta consideração, em conjunto, tem sérias implicações para a Educação: procede-se na aprendizagem, do social para o individual, através de sucessíveis estágios de internalização, com auxílio de adultos ou de companheiros mais experientes (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.22).

Deve-se ressaltar que as consequências globais e benéficas provindas da utilização da psicomotricidade são estabelecidas com sua relevância dentro do espaço escolar, visto que suas influências nas questões biopsicossociais são indisponíveis ao passo que a criança pode desenvolver uma maior cognição que irá propiciá-la uma facilidade maior ao estudar temas no futuro. Assim, no mesmo sentido Beckert e Trenhago (2015, p. 3, apud ALVES, 2008) ao explicarem que esta ciência “favorece a aprendizagem quando reconhece que diferentes fatores de ordem física, psíquica e sociocultural atuam em conjunto para que se dê a aprendizagem”.

6. CONCLUSÃO

Considerando os aspectos históricos aqui estudados, observa-se que a psicomotricidade, enquanto ciência da indissociabilidade do corpo e mente, cujo objetivo dessa interação é a promoção de um desenvolvimento biopsicossocial mais eficaz, surgiu na Grécia com a supervalorização do físico e da alma, mas depois repercutiu na França com Dupré, atravessando as fronteiras e sendo entendida como um modelo que prejudicaria o sujeito, devendo ser orientado somente para sujeitos com distúrbios físicos ou debilidades fisiológicas.

Ademais, somente nos anos 70 que chegou às suas repercussões no Brasil, ainda de forma preconceituosa, utilizada para cura de debilidades provindas da Guerra, que, só após décadas, passou a integrar conteúdo responsável pela aprendizagem dos sujeitos através das autoras Loureiro e Costallat, com impulso do Ministério da Educação, bem como propulsou a origem da Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (SBP).

Por conseguinte, as superações de alguns dos preconceitos estabilizaram a psicomotricidade, tendo o seu entendimento chegado a uma definição de ciência que analisa e compreende possibilidades intencionais de interpretação do ser humano, de seus movimentos, ações, atitudes, comportamentos, através da motricidade com reflexão direta no psicológico do indivíduo, sendo que através disso, pode-se entendê-la como um fator do desenvolvimento.

A interdisciplinaridade envolvida nesta ciência é de tanta importância que, os múltiplos pontos de vista aderem à sua utilização no aspecto infante-educacional, ao propiciar aos sujeitos envolvidos a complexa união de sensações pelos

movimentos físicos que podem acarretar transcendentais conclusões no desenvolvimento cognitivo humano.

Por isso, a psicomotricidade engloba a personalidade humana como um todo, não somente em suas condições físicas, mas através dela, pondo o ser humano em estado de eficaz desenvolvimento sensório-motor, com reflexões substanciais no conhecimento humano, logo, na evolução cognitiva.

Assim, a psicomotricidade relaciona dois direitos sociais, a educação e saúde, proporcionando ao indivíduo sua total evolução biopsicossocial, através de atividades que estimulam o desenvolvimento da aprendizagem em suas várias facetas, utilizando-se de um método natural que pode combater disfuncionalidades e distúrbios, assim como preparar os educandos para as fases do ensino.

Levando isso em consideração, o interacionismo de Piaget em união com o diálogo com a sociedade de Vygotsky, não se excluindo, mas se complementando, robusta a ciência da psicomotricidade e transforma o meio da criança, diante das diversas perspectivas um adequado espaço para se aprender com qualidade e sem metodismo, deixando o ambiente de acordo com as necessidades da infância.

Nesse contexto, a Educação Física deve utilizar da psicomotricidade como uma forma de estímulo para o desenvolvimento da criança, sobretudo, para o seu progresso e sua formação integral, pautando-se nos objetivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB e nos aspectos educacionais para um processo de ensino aprendizagem com eficiência e qualidade.

Entretanto, não só a Educação Física, mas todas as áreas devem estudar e desenvolver métodos e práticas essenciais para a elucidação desta ciência dentro do espaço escolar, principalmente na fase da educação infantil, que necessita de uma metodologia que transforme os rigores conteudista em prazerosos estímulos para o desenvolvimento do desejo de aprender e da facilidade em fazê-lo.

Assim, ao observar o modelo de ensino brasileiro, e a promoção da evolução ocasionada pelo advento da Constituição da República Federativa do Brasil - CRFB/88, do Estatuto da Criança e do Adolescente, principalmente com a LDB, nota-se que a ciência da psicomotricidade deve ser utilizada nas escolas pelos diversos profissionais da educação, sendo que estes devem entender que a educação infantil é uma fase distinta de todas as outras em suas características e elementos.

Desse modo, a educação infantil reúne peculiaridades advindas da

própria condição de criança, porquanto de zero a cinco anos, a criança passa por esta fase com a preparação integral para as outras, devendo ser nesta que a conquista da criança pelo ambiente escolar, em suas diversas relações com o meio, pessoas e objetos.

Tendo em vista essas considerações, os profissionais da educação devem transformar as suas práticas psicomotoras em concretas e adequadas para estas crianças, que, muitas vezes, chegam de um espaço familiar mitigado e com frustrações que já atrapalham no início deste processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, conclui-se que a ciência da psicomotricidade tem grande relevância para a educação infantil, ao unir os aspectos físicos através do movimento com os estímulos oriundos destes para com o psicológico da criança, formando uma estrutura fundamental que contribui, significativamente, com a formação integral do educando e oxigena o seu desenvolvimento integral, no que se refere aos aspectos cognitivos, biopsicossociais e motores, favorecendo, enfim, a evolução social diante das fases escolares subsequentes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Douglas; MATHEUS, Felipe; BRUNO, Marlon. **O Desenvolvimento da Criança na perspectiva de Gallahue Vygotsky e Wallon**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2017.
- ALVES, F. **Psicomotricidade: corpo, ação e a emoção**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2003.
- _____. **Como Aplicar a Psicomotricidade: Uma Atividade Multidisciplinar com AMOR união**. 1.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- ARAÚJO, V.C. **O Jogo no contexto da educação psicomotora**. São Paulo: Cortez, 1992.
- AYOUB, Eliana. **Reflexões sobre a Educação Física na educação infantil**. São Paulo: Revista paulista de Educação Física, 2001. p. 53-60.
- BORGES, Carolina de F. B. **O Desenvolvimento da Motricidade na Criança e as Expressões**. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2014.
- BECKERT, Elisandra Andréia; TRENHAGO, Janinha. **Psicomotricidade Infantil: A arte de brincar e aprender através do lúdico**. Santa Catarina: UNOESC, 2015.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Presidência da República: Planalto, 2016. Disponível em

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lex**: Brasília: Planalto, 2009. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

BRASIL. PORTAL BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Obesidade cresce 60% em dez anos no Brasil**. [online]. 2018. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/saude/2017/04/obesidade-cresce-60-em-dez-anos-no-brasil>. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

CARVALHO, Lucas Campos de. **Psicomotricidade no Desenvolvimento Motor das Crianças na Educação Infantil**. Brasília: UniCEUB, 2015.

COSTE, J.C. **A Psicomotricidade**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

___. **A Psicomotricidade**. 2. Ed. Álvaro Cabral (trad.) Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

___. **A Psicomotricidade**. Álvaro Cabral (trad.).Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1981.

___. **A Psicomotricidade**. Álvaro Cabral (trad.).Rio de Janeiro :Editora Guanabara, 1992.

DAVIS, C.; OLIVEIRA,Z. **Psicomotricidade na educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

DAVIS,C;OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação**. São Paulo: Cortez,1994.

DOS SANTOS, Alessandra; COSTA, Gisele M. T. da. **A Psicomotricidade Na Educação Infantil: um enfoque psicopedagógico**. Vol. 10. N. 22. Uruguai: REI, 2015.

FONTANA, Cleide Madalena. **A importância da psicomotricidade na educação infantil**. Paraná: Universidade tecnológica Federal, 2012.

LE BOUCH, J. **O Desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 5 anos**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1982.

LUSSAC, Ricardo M. P. **Psicomotricidade: História, Desenvolvimento, Conceitos, Definições e intervenção profissional**. Ano 10. N. 126. Buenos Aires: Revista Digital, 2008.

MANEIRA, Fabiele M.; GONÇALVES, Elaine Cristina. **A Importância da Psicomotricidade na Educação Infantil**. XII Congresso Nacional de Educação: EDUCERE, 2015.

MORGADO, Andressa de Souza. **A importância do desenvolvimento psicomotor**

da criança de 0 a 6 anos. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Linda Marques de.; BAGAGI, Priscilla dos Santos. **Psicomotricidade e Desenvolvimento motor na pré-escola.** Ano VII. N. 13. Revista Científica Eletrônica de Pedagogia, 2009.

OMS/WHO. **Constituição da Organização Mundial da Saúde de 1946.** USP: Biblioteca Virtual de Direitos Humanos [online]. Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em 02 de dezembro de 2018.

PESSANHA, M. S.; CORDEIRO, L. S.; PINTO, F. O. **A Importância da Psicomotricidade Nas Dificuldades de Aprendizagem.** Vol. 1. N. 2. REINPEC, 2015.

PIAGET, J. **O homem e as suas idéias.** Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PIAGET, J. **O possível e o necessário.** Evolução dos possíveis na criança. Porto Alegre: Artes médicas, v. 1, 1985.

RABELO, Kalícia Ingrid de Lacerda; AQUINO, Giselle Braga de. **Relação entre Psicomotricidade e desenvolvimento infantil: um relato de experiência.** V. 10. N. 3. Minas Gerais: Revista Científica da Faminas, 2014.

ROCHA, Carla J.; NETO, Nelson Z. **Psicomotricidade: Estimulações das habilidades motoras, cognitivas e sócio afetivas.** São Paulo: UNISALESIANO, 2012.

ROCHA, J.; SERRÃO, S. M.; FEYES, V. J.; PEREIRA, D. R. **EDUCAÇÃO INFANTIL, OS DESAFIOS DAS CRECHES NO EQUILÍBRIO ENTRE O EDUCAR E O CUIDAR.** São Paulo: UNISALESIANO – III ECSE, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emilio ou da educação.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, Christyan Giulliano de Lara Souza. **Corpo, movimento e aprendizagem na psicocinética de Jean Le Boulch.** Rio Grande do Sul: UFRN, 2015.

SOUSA, Juliana M.; SILVA, João Batista L. da. **A Psicomotricidade Na Educação Infantil.** Vol. 4. N. 2. REP's, 2013. pags. 128-135.

SOUSA, J. F. de.; DIAS, E. C. S.; SOUSA, I. B. de.; OLIVEIRA, K. M. A. de.; **Piaget e Vigotsky e Suas Contribuições Na Psicologia da Aprendizagem.** Paraíba: II

CONEDU, 2015.

TASSI, Silvia Regina C. F.; BATISTA, Cleide V. M. **Psicomotricidade e Aprendizagem: Por um intervenção com crianças em idade pré-escolar com necessidades educacionais especiais**. Vol. 1. Paraná: Os Desafios da Escola Pública, 2014.

XISTO, Patricia B.; BENEDITTI, Luciana Borba. **A Psicomotricidade: uma ferramenta de ajuda aos professores na aprendizagem escolar**. Vol. 8. N. 8. UFSM: Monografias Ambientais, 2012.